

"ELITES"

Daily Luiz Wambier

A cada impacto de nova crise aparecida no Brasil, fala-se da falta de uma "elite" capaz, realmente, de exercer o papel que os agrupamentos humanos lhe impõem, a fim de que a sociedade e a família, que se aviltam e se degradam dia a dia, possam receber o sangue novo das recuperações.

Essa falta é por demais evidente, se a gente tomar o galicismo como outros povos o entendem, isto é, como sendo "a minoria prestigiada e dominante" ou "aquilo que há de melhor numa sociedade".

Temos uma falsa "elite", não há negar. E os seus componentes vieram para a crista dos acontecimentos, como classe dominante e dirigente, não por possuírem o indispensável patrimônio moral e cultural, mas por estarem na posse do poder econômico, que domina a sociedade brasileira.

A pecúnia formou essa "elite", que passou a tilintar as suas moedas, ao modo da besta-guia de tropa, a qual conduz os animais, que seguem, de cabeça baixa e vazia, o ruído do cincerro prêso ao seu pescoco. A maioria dos homens vem acompanhando, ao longo dos tortuosos caminhos da vida moderna, aquêle barulho de dinheiro que se escuta bem de longe.

É essa a "elite" que o País possui. Que a maioria prestigia e por ela se deixa dominar, dando-lhe um prestígio tão falso como ela é.

É natural que nada se possa exigir dessa classe de dirigentes, cujos fundamentos se encontram repousados em bases tão frágeis e inconsistentes.

Os outros povos dispõem de uma "elite" autêntica, embora o dinheiro, não raro, procure nela se infiltrar, provocando situações delicadas, inteiramente contrárias aos interesses da respectiva sociedade. A reação, porém, se opera dentro da própria "elite", de modo que ela sempre procura se conservar como é preciso, isto é, como a cúpula moral e cultural do agrupamento.

O dinheiro nem sempre combina com a moral, embora quase sempre, ou mais frequentemente, se case com a cultura. Não é suficiente, contudo, esse conúbio, porque os elementos de ordem moral representam o mais essencial. "Elite" apenas com dinheiro e cultura, por conseguinte, também é considerada incompleta, uma vez que lhe falta o material primeiro para a sua composição.

Tenta-se, em nossa terra, um largo, amplo e profundo movimento no sentido de repor as coisas nos seus devidos lugares, ensejando o estabelecimento de uma classe que disponha de moral e cultura, embora esteja desprovida das coisas que o poder econômico detém. Muito difícil a consecução dos altos e meritórios propósitos colimados, eis que, infelizmente, a pecúnia não cede lugar com facilidade, não recua nem se conhece como elemento negativo na composição de uma verdadeira "elite". Basta que o indivíduo esteja bem situado na vida, pelos seus haveres nem sempre bem adquiridos, para que se julgue habilitado a dominar e ter crédito de prestígio da maioria das gentes. Não importa que, via de regra, seja vazio de cultura e alérgico às normas de moral mais primárias. A ele parece que a abastança dá cultura e proporciona moral aos que não as têm. E é dêsse jeito, feitas as clássicas e honrosas exceções, que vivemos formando e mantendo essa "elite" de papelão que af está, desservindo a sociedade e a Pátria, e provocando revoltas justas e mal reprimidas no seio da grande maioria dos dominados e conduzidos.

Assim, urge um reexame da atual situação, de maneira a que as qualidades de espírito possam exercer o seu natural

papel de formar as "elites" brasileiras sem que o poder econômico interfira na sua ação, pois essa intervenção está se tornando francamente nociva ao bem-estar geral e sobretudo um mal incalculável à Nação.

Ao invés de uma "elite", está se formando, no País, uma classe indesejável de gozadores da vida, uma casta de privilegiados da fortuna, uma camada de indivíduos fúteis, vaidosos e egoístas, para quem os bens terrenos, de ordem material, foram postos no mundo só para si e

se movimentam só para acrescentar maiores cabedais aos seus haveres.

O talão de cheque deve ceder o lugar que ocupa, indevidamente, em nosso meio, às virtudes morais e espirituais que valorizam o homem e elevam os seus agrupamentos.

Enquanto as riquezas bancárias forem consideradas mais valiosas que as riquezas morais e espirituais do indivíduo, não teremos a referida "minoria prestigiada e dominante" formada por "aquilo que há de melhor numa sociedade".